

Um carro caiu da ponte.  
Um menino  
ficou preso

no fundo

da  
baía



**POR ANITA BARTHOLOMEW**

ERA UM DIA TÍPICO, com “céu de brigadeiro” e paisagem límpida, daqueles que só acontecem na Flórida em novembro. A água azul-escura da Baía de Tampa e a silhueta dos edifícios se destacavam, marcando o horizonte, enquanto Amira Jakupovic e sua família seguiam para o norte na Ponte Howard Frankland.

Seis anos antes eles haviam se mudado da Europa para St. Petersburg, na Flórida, e agora já eram cidadãos americanos. Hoje estavam indo a Tampa, almoçar na casa de parentes.

Magra e elegante, Amira parecia uma adolescente. Seu marido, Mujo, jogador amador de futebol, viajava no banco do carona do Ford Explorer verde, e os dois filhos, Amar e Emrah, de 7 e 13 anos respectivamente, iam no banco de trás. O mais novo dormia.

O tráfego estava leve, e, ao se aproximarem do fim da ponte, ouviram um som parecido com o disparo de uma arma. O pneu traseiro esquerdo furara, e o carro, a quase 90 quilômetros por hora, patinou pela pista de concreto, bateu na divisória de cimento à esquerda e atravessou as quatro pistas no sentido norte, capotando diversas vezes e amassando o teto, até se chocar com o lado direito da proteção da rodovia, voar sobre o parapeito e mergulhar na baía escura.

KERRY REARDON, engenheiro e pescador inveterado, conhecia as águas ao redor de Tampa e St. Petersburg tão bem quanto os robalos e as trutas.

Naquele sábado, ele havia planejado competir num torneio de pesca, mas sua equipe tinha pego pouca isca e acabou desistindo. Isso permitiu que Reardon tivesse a tarde livre para dar uma aula de direção à filha de 15 anos, Kara.

Na estrada, Reardon esperava que Kara virasse à direita, na magnífica Ponte Sunshine Skyway, em direção a St. Petersburg. Mas a jovem, num impulso, virou à esquerda, indo para Tampa pela Ponte Frankland, que tem perto de cinco quilômetros. Quase no fim da ponte, o tráfego começou a ficar lento e a engarrafar.

- Pai, está tudo parado - disse Kara.  
- Pode ir se acostumando - brincou Reardon.

Por causa dos terríveis engarrafamentos, os moradores tinham apelidado a ponte de *Frankenstein*.

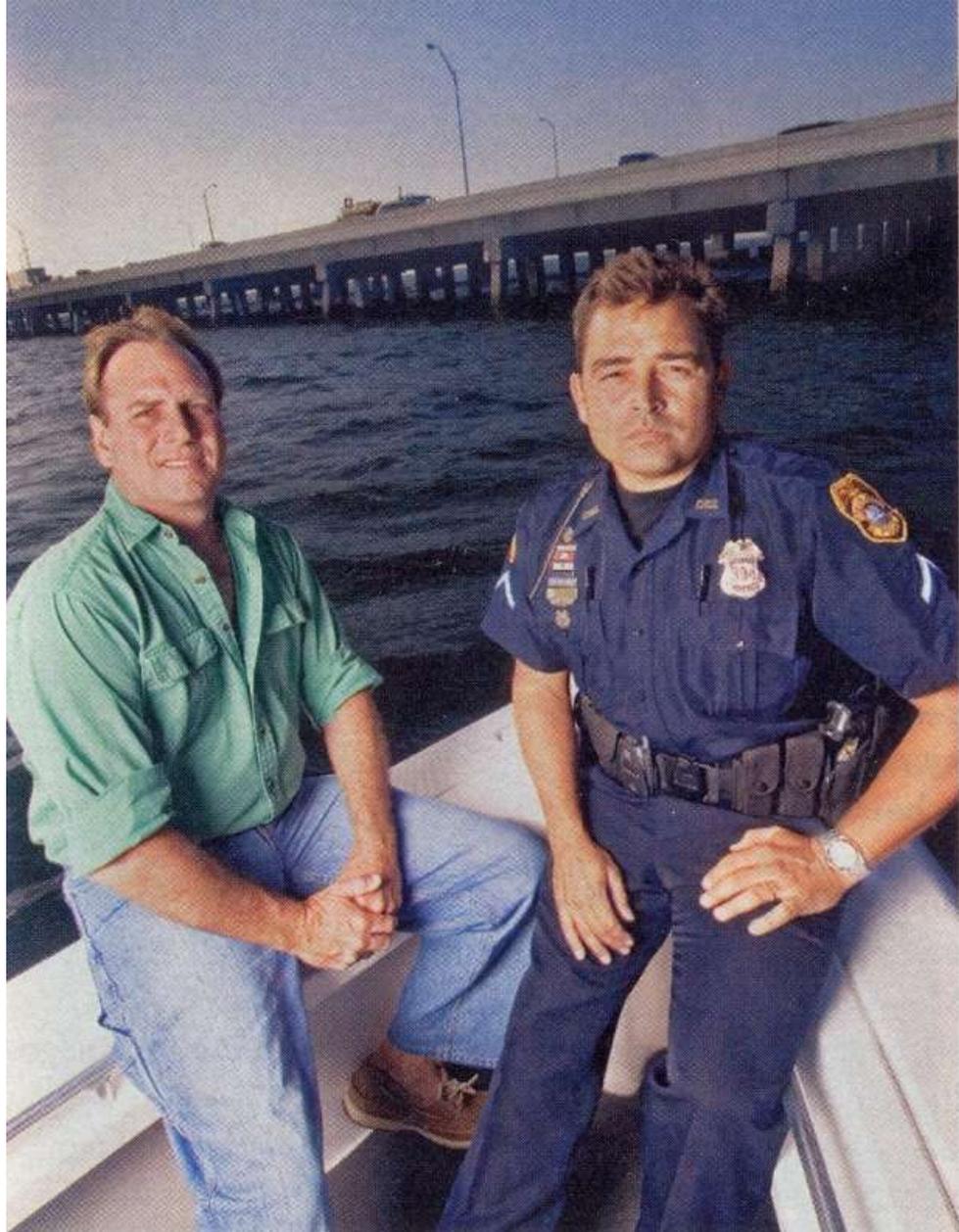
Então Reardon percebeu um grupo de pessoas perto do parapeito da ponte, olhando para a água. Pedacos de vidro brilhavam no asfalto, e havia marcas de pneu cruzando as faixas. Reardon entendeu que não se tratava de mais um engarrafamento comum. Alguém havia caído da ponte.

**A**MIRA, QUE ficara inconsciente, despertou com a água fria e salgada. De repente, viu algo azul e branco - letras na camisa que Emrah, o filho mais velho, estava usando. Estendeu uma das mãos e o agarrou pela roupa, enquanto, com a outra mão, procurava a porta, uma janela, qualquer saída. Então, puxando Emrah, forçou caminho através da janela do motorista (todos os vidros haviam se quebrado na capotagem) e conseguiu chegar à superfície.

Mas o marido e o filho mais novo ainda estavam no fundo.

Enquanto tomava fôlego, Amira viu a proa de um barco de pesca vindo em sua direção. A embarcação diminuiu a velocidade, e alguém se inclinou para pegar seu filho.

Imediatamente, Amira tornou a mergulhar à procura do carro. Achou, mas não conseguiu entrar nele e precisou



**Kerry Reardon e o policial Luis Vásquez, em um barco de mergulho da polícia perto da ponte "Frankenstein".**

voltar à tona para respirar. Em seguida, mergulhou de novo, mas desta vez já não foi capaz de ver o veículo, na água revolta e escura.

De volta à superfície, encontrou o marido, que havia conseguido sair do carro. E os dois mergulharam juntos para procurar o filho mais novo, mas era como se a baía tivesse engolido o carro com o menino.

"PARE AQUI, pare aqui", Reardon pediu a Kara, que freou de imediato. Ele saiu

do carro, olhou para baixo no parapeito e viu que havia um barco pesqueiro de aluguel junto à ponte.

Reardon percebeu que o capitão já resgatara três pessoas: um homem, uma mulher e um adolescente. Ensopada e nervosa, a mulher gritava e chorava.

Reardon gritou para o barco, perguntando: "Há mais alguém no carro?"

A resposta o congelou: uma criança.

Correndo de volta ao seu carro, largou chaves, carteira e sapatos no banco do carona e, usando apenas uma bermuda improvisada de

uma calça *jeans* velha e uma camiseta, disse para a filha: "Tranque as portas que eu já volto."

Reardon sabia que a correnteza em volta dos pilares da ponte era forte e traiçoeira porque passava entre brechas estreitas. A água rápida remexia o fundo lodoso, o que, com frequência, deixava a visibilidade restrita a poucos centímetros. Mesmo com máscara e nadadeiras, a maioria dos mergulhadores se perdia em segundos.

Percorrendo com os olhos a superfície da água, Reardon viu bolhas em determinado lugar. Bingo! Era ali que o carro estava. Subiu no parapeito e mergulhou de cabeça.

**K**ELLI EARLE, enfermeira de 25 anos, gostava de dirigir com as janelas abertas, deixando que a brisa da baía brincasse com seus cabelos. Iria a um chá-de-bebê e estava a caminho para comprar *panini* e outros sanduíches.

De repente, as luzes vermelhas dos freios dos carros à frente começaram a brilhar. Kelli parou à direita, desceu do carro e caminhou em direção ao parapeito, onde um grupo estava reunido.

Olhando de relance para baixo, viu uma mulher, um homem e uma criança sendo resgatados do mar para um barco. A mulher olhava para trás e para a água, gritando: “Meu filho!”

Um minuto depois, percebeu alguém de bermuda *jeans* mergulhando próximo à barreira de concreto. Depois que o homem voltou à superfície, quase seis metros abaixo da ponte, um pé de chuteira veio à tona e ficou flutuando.

QUANDO ESTAVA debaixo d’água, Reardon sentiu uma forte correnteza puxando-o para a estrutura submersa da ponte. Foi mais para o fundo, onde a correnteza ficava mais fraca. E, se tivesse calculado certo, estaria perto do carro afundado. Pouco antes de chegar ao teto do carro, tateou algo maciço. Não queria sair dali sem achar o garoto, mas seus pulmões estavam a ponto de explodir. Subiu à tona, precisava respirar.

Com receio de perder o carro, ele nadou contra a corrente. Esperava que, quando tornasse a descer, ela o le-



**O resgate de Amar inspirou Kelli Earle a integrar um programa de enfermagem que já a levou para Nova York e San Diego.**

vasse de volta ao ponto onde estava o veículo. Respirou fundo e mergulhou.

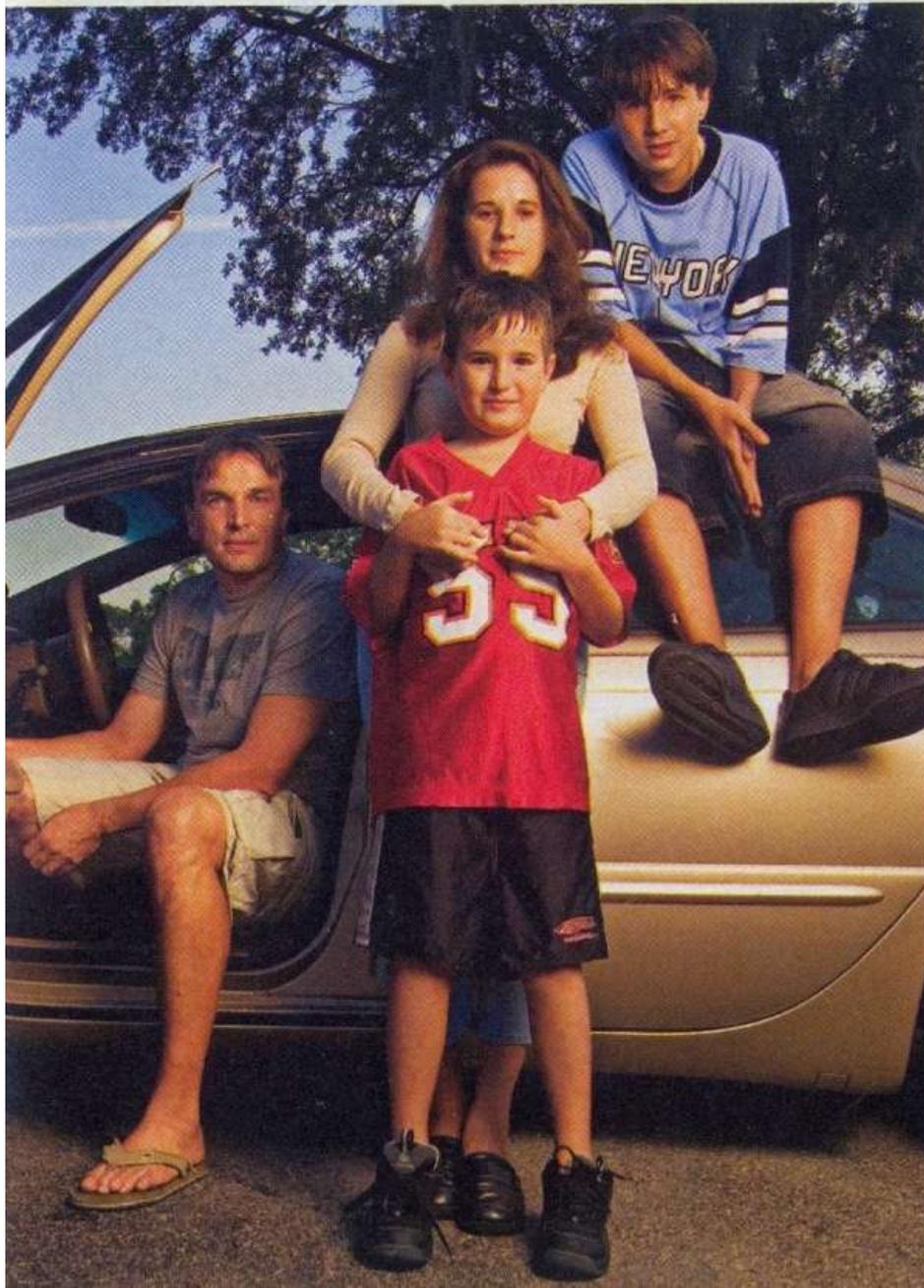
Conseguiu alcançar o carro e deslizou sobre ele, procurando a porta. Encontrou a janela do motorista. Passando por ela, Reardon inicialmente não viu o menino, e procurou de um lado a outro no banco de trás. Já estava com o rosto quase encostado no de Amar quando conseguiu ver seus olhos e pálpebras imóveis.

O garoto ainda estava preso ao cinto de segurança. Reardon procurou pela fivela, tocou o metal frio e a abriu. Então pegou a parte da frente da camisa do menino, e o pequeno corpo se moveu levemente, como se não tivesse peso. Reardon passou com ele pela janela e voltou à superfície. Será que o menino estava morto?

QUANDO VIU o homem de bermuda jeans emergir carregando um pequeno corpo, Kelli Earle tirou os chinelos, mergulhou em pé e nadou para o barco de pesca. “Sou enfermeira”, disse. “Deixem-me ajudar.” Um dos homens a puxou para bordo.

Ela foi na direção do pequeno Amar, inclinou-lhe a cabeça para desobstruir as vias respiratórias, aplicou duas respirações boca a boca e depois verificou o pulso. O coração tinha parado;

**Uma voz rouca foi a única seqüela que Amar (de camisa vermelha, com a família) ficou depois do acidente.**



as pupilas estavam dilatadas; a pele era de uma palidez mórbida, e os lábios estavam azulados.

A água da baía estava bem fria, mas provavelmente não o suficiente para ajudar a manter as funções cerebrais de uma pessoa, como às vezes ocorre com a água quase congelada. O garoto precisava de ar. Kelli começou a fazer uma reanimação cardiopulmonar. A cada compressão, Amar vomitava água do estômago e dos pulmões sobre Kelli. O movimento do barco dificultava o procedimento. A mãe do garoto estava desesperada. Kelli, tentando manter a concentração, pediu ao capitão: “Levenos para terra.”

UM POLICIAL CHEGOU ao barco e juntou-se a Kelli nos procedimentos. Ele comprimia o peito do menino, enquanto a enfermeira soprava-lhe ar pela boca. Eles mantiveram o ritmo, minuto após minuto, mas o corpo permanecia imóvel. Por fim, chegou uma ambulância, e os paramédicos deitaram Amar em uma maca e o conectaram aos equipamentos, cobrindo-lhe o nariz e a boca com uma máscara de oxigênio.

Enquanto os paramédicos colocavam Amar na ambulância, Kelli checava seus sinais vitais e tentava falar com Amira e Mujo. “Vocês costumam

rezar?”, perguntou aos pais. Amira disse que sim. “Então rezem”, aconselhou.

**L**UIS VÁSQUEZ, o segundo policial a chegar ao local, acompanhou Amar na ambulância. Mergulhador do Departamento de Polícia de Tampa, Vásquez havia resgatado várias crianças das águas nos seus 17 anos como policial. Nenhuma sobrevivera.

Aquele garoto não parecia ser exceção. Vásquez não sentia o pulso de Amar. E doía muito a esse pai de duas crianças pensar que mais uma poderia morrer. Ele manteve as compressões e o bombeamento de oxigênio, repetidas vezes. Sem resposta. Então sentiu um movimento fraco contra suas mãos.

- Ele respirou? - perguntou Vásquez.

- Acho que não - respondeu o paramédico.

Mas então, surpreendendo a ambos, o garoto respirou pela segunda vez.

- Ele está respirando sozinho! - gritou o paramédico. - Você sentiu um batimento cardíaco?

- Não - disse Vásquez, ainda com as mãos sobre o peito de Amar. E foi então que sentiu na palma das mãos a batida do coração.

Vásquez sabia que Amar ainda não estava a salvo. Ficara submerso por cinco minutos, seu coração tinha pa-

rado, e o oxigênio deixara de circular pelo corpo. Caso sobrevivesse, o menino poderia ter seqüelas no cérebro.

No HOSPITAL, por dez dias, os médicos mantiveram Amar em um respirador e em coma induzido. Reardon, Kelli e Vásquez visitavam regularmente a UTI para verificar o quadro evolutivo do garoto. Será que sobreviveria? E, caso sobrevivesse, permaneceria o mesmo? Ninguém podia afirmar.

Amira ficara com o filho dia e noite. Os médicos diminuíram o nível de oxigênio gradativamente, para permitir que Amar respirasse por conta própria. No décimo dia, decidiram remover o equipamento respiratório e despertar o menino do coma. Esperavam que sua juventude o tirasse daquela situação.

E assim foi. Dois dias depois, Amar estava sentado na cama, jogando *Super Mario* em um Game Boy.

Sua única seqüela foi a voz, que se tornou levemente mais rouca. O pai precisou passar por uma cirurgia na perna, machucada no acidente, e vem se recuperando. Amira está bem, mas Emrah passou a mancar de uma perna.

Os Jakupovics ficaram impressionados e gratos pelo fato de as pessoas certas, na ordem certa - mergulhador, enfermeira, capitão do barco, policiais e paramédicos -, cada um com seus conhecimentos, terem aparecido a tempo de salvar seu filho.

## CONTE COMIGO

Na vida, existem três tipos de pessoas: as que sabem contar e as que não sabem.